

## MULHERES DEPENDENTES DE DROGAS: TAMBÉM UMA QUESTÃO DE GÊNERO

Silvia Regina Marques Jardim  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)  
Endereço eletrônico: [silvia.regina@uesb.edu.br](mailto:silvia.regina@uesb.edu.br)

Daniela Gusmão Pinheiro  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)  
Endereço eletrônico: [danielagusmao2020@gmail.com](mailto:danielagusmao2020@gmail.com)

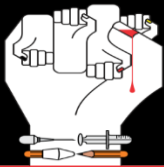
1908

### INTRODUÇÃO

O propósito do presente texto é fazer um estudo descritivo sobre uma pesquisa em fase inicial cuja finalidade é a tentativa de entrelaçar as temáticas relações sociais de gênero e o uso abusivo de drogas, com enfoque para a dependência feminina de drogas. É uma proposta que visa, a partir da categoria de análise gênero, fazer uma pesquisa de caráter bibliográfico sobre produções na área de educação que se dedicaram a pesquisar gênero e drogas. No recorte deste texto, procuramos falar de artigos publicados recentemente e que se dedicaram a estudar as relações sociais de gênero e sua interface com o uso e abuso de drogas (lícitas e ilícitas) dentro da educação.

O propósito de discutir a dependência química à luz do gênero é, tentar visibilizar uma grande parcela da sociedade que foi minorizada<sup>1</sup> em prol de um grupo social hegemônico marcado pelo sexo masculino, adulto, heterossexual. Focalizar as questões sociais que envolvem o gênero para pensar o tema das drogas significa uma forma de inclusão das diferenças nas problemáticas sociais. Nos limites do presente texto, falaremos da mulher, mas sem esquecer que outras diferenças são importantes. Além disso, fazer a interface com o campo da educação nos motiva pelo fato de acreditarmos que a educação pode ser uma ferramenta de emancipação social, respeito às diferenças e ela possui a potencialidade necessária para desconstruir tabus, discriminações e negligências a esses grupos minorizados.

<sup>1</sup> Adotamos o termo “minorizado” por entender que são se trata de uma minoria numérica, mas um grupo que foi classificado como “minoria” em detrimento de um grupo considerado padrão ou hegemônico. Esses grupos buscam visibilidades que possam reverberar em uma perspectiva mais inclusiva na sociedade, tendo direito à diferença e que esta não deve ser aval para desigualdades.



## METODOLOGIA

A partir de um recorte temporal, procuramos coletar artigos publicados a partir de 2014 que se dedicaram ao tema gênero e drogas a fim de estabelecer comparações, estudá-los e refletir sobre os principais eixos abordados por eles. Por meio da biblioteca digital *Scielo* no Brasil, procuramos produções por meio de descritores “mulher e droga” e tivemos como resultado 331 mil indicações; porém, havia muitas repetições do mesmo título e, por meio de uma leitura flutuante dos títulos, conseguimos filtrar 66 artigos que nos induziram a um olhar mais atento e possível seleção. Neste primeiro contato, identificamos produções que traziam produções como encarceramento feminino; tráfico de drogas; violência; prostituição e mulheres em situações de rua. A área predominante deste grupo se concentrava na Saúde e na Psicologia. Digitamos o segundo descritor que pudesse envolver a educação e tentamos: “mulher droga escola” e também substituímos o termo “escola” por educação e nosso resultado foi o total de 271 mil artigos e muitos títulos eram comuns aos descritores e também se repetiam. Em novo processo de leitura flutuante com o descritor educação ou escola, chegamos a 29 artigos, mas também apresentando títulos repetidos. Em novo processo de leitura flutuante, seguindo os preceitos de Bardin (2011), já conseguimos um adiantar um dos resultados do nosso levantamento: a maioria dos textos sugeridos não aborda gênero ou mulheres; eles abordam temas como prevenção escolar ao às drogas; consequências do rendimento escolar associado ao uso de drogas; quais as formas que instituição escolar aciona para tratar das drogas e o papel do professor em relação ao tema.

Aproveitamos para dizer também que nas buscas, foram sugeridos artigos que estudaram a questão das drogas, mas com focos diferentes do que queremos, como violência; tráfico de drogas e infecções sexualmente transmitidas. Registramos estas temáticas para ressaltar a importância do estudo sobre o uso e abuso de drogas, pois o tema se ramifica para muitas questões de ordem social.

Embora desejássemos o campo da educação, gostaríamos de confirmar que iniciamos a pesquisa cientes e com a hipótese de que haveria poucos ou nenhum trabalho com a interface gênero, droga e educação. Sendo assim, a partir dos descritores chegamos a dezesseis artigos, sendo 10 voltados à área da saúde e 6, abordando a psicologia. Nos limites deste texto, faremos um recorte para os artigos de: Albuquerque e Nóbrega (2016); Gomes e Brilhante (2021); Iurkiv (2019); Limberger; Andretta (2015); Medeiros; Maciel e Sousa (2017); Rodrigues, A. S. *et al* (2017); Sarmiento, Y. E.S *et al* (2018) e Souza; Oliveira e Nascimento (2014). Tentamos, com este recorte,

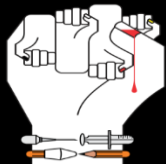
1909

Realização:



Apoio:



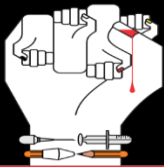


tentamos fazer um breve panorama do conteúdo destes textos e como eles contribuem para pensar a dependência das drogas a partir da perspectiva do gênero. Os títulos deste material estarão nas referências.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da amostra que elaboramos para compor este texto, tentamos organizar o conteúdo observando quais os tópicos predominantes atravessam nestes textos e que poderíamos considerar uma espécie de padrão entre os textos. Procuramos evidenciar as categorias: motivo que impulsiona o uso de drogas; tipos de drogas mais usados; a busca por tratamento e seus impasses. Assim, ainda em fase inicial, o levantamento que fizemos reafirmou pressupostos elaborados, mas que não tínhamos evidências científicas: a maioria dos artigos, a partir de diferentes perspectivas, mostram que o uso e, posteriormente, o abuso e a dependência de drogas, estão relacionados à forma como muitas mulheres reagem a situações de estresse, ansiedade, medo entre outros. O uso abusivo de drogas está ligado a uma forma de anestesiar sofrimentos femininos diversos, como: timidez ou baixa estima; violência doméstica; violência sexual e a influência de parceiros afetivos. Essas vulnerabilidades se encontram em contextos sociais diversos e, a partir das leituras dos textos, podemos destacar: relações afetivas frágeis ou violências; pobreza; pouca ou nenhuma escolaridade que reverbera na escassez de oportunidades dignas de trabalho. Dentre os tipos de drogas usados por mulheres mais citados nos textos estão: álcool, crack e cocaína e elas iniciam o uso ainda em idade precoce, na adolescência e se estende até a fase adulta.

Por serem textos produzidos dentro do campo da saúde e da psicologia, a busca, acessibilidade e condições de permanência em locais para cuidar da saúde é um tema recorrente. Os textos mostram a fragilidade das instituições de apoio e as mulheres se deparam com as desigualdades de gênero que são traduzidas de diversas formas: preconceito que sofrem por transgredirem o principal papel social atribuído à mulher: aquela que cuida, que desenvolve funções de boa mãe e esposa; o distanciamento e rejeição das relações afetivas, principalmente vinda da família; a resistência em reconhecer o problema devido à falta de informação e sentimento de culpa e vergonha por ser desviante do que se espera de uma mulher. Um artigo que se destaca é de Albuquerque e Nóbrega (2016) ao descreverem as diversas barreiras que as mulheres enfrentam ao buscar um tratamento especializado em dependência química, tais como a falta de conhecimento sobre os serviços e programas para mulher. As autoras



classificam as barreiras em externas e internas. Dentre as barreiras internas, destacam-se: a negação do problema; sentimento de culpa e vergonha; medo de perder a guarda dos filhos; medo dos estigmas sociais; medo de “sofrer represálias dos companheiros, também usuários de drogas”. Continuando, as autoras descrevem barreiras externas: desaprovação social; oposição da família e companheiros; falhas nos treinamentos de profissionais da saúde para atender-las ou encaminhar para um serviço especializado; falta de recursos econômicos, entre outros (ALBUQUERQUE e NÓBREGA, 2016, p. 24)

1911

## CONCLUSÕES

O uso da categoria gênero ou direcionar estudos para a situação das mulheres e sua vulnerabilidade com as drogas desafia as pesquisas e nos mobiliza a trazer à tona o respeito à diversidade que compõe a sociedade; visibiliza e nos sensibiliza para olhar grupos minorizados; são textos científicos e, podemos nos arriscar a dizer, denuncia discriminações, violência e apagamento de identidades femininas que tem diversos atravessamentos, dentre eles o de classe social e raça. Não encontramos, nesta fase da pesquisa, textos que falem do campo educacional – o que nos indica a necessidade deste campo de trazer, com maior profundidade, tópicos que atravessem problemas sociais. Os textos chamam a atenção para a necessidade que vivemos atualmente: a importância do processo de humanizar as pessoas, por meio da garantia aos direitos essenciais: direito à vida, direito à liberdade, saúde, educação, trabalho e propriedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulher. Dependência. Gênero.

## REFERÊNCIAS

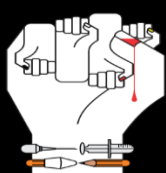
- ALBUQUERQUE, C. S.; NÓBREGA, M. P. S. Barreiras e facilidades encontradas por mulheres usuárias de substâncias psicoativas na busca por tratamento especializado. **SMAD. Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** vol 12(01). Ribeirão Preto 2016; p. 22-29; disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.v12i1p22-29>; acesso em 10/04/2022.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.
- GOMES, E. R. B.; BRILHANTE, A. V. M. Contações femininas: gênero e percepções de mulheres dependentes químicas. **Saúde Soc.** v.30, n. 4, 2021; disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-1290202201050>; acesso em 10/04/2022.
- IURKIV, A.A. Impactos da dependência do álcool na vida social e familiar da mulher: uma visão humanista. **Fac. Sant'Ana em Revista**, v. 2 Ponta Grossa, 2019, p. 142- 157;

Realização:



Apoio:





disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/index>; acesso em 10/04/2022.

LIMBERGER, J; ANDRETTA, I. Novas problemáticas sociais: o uso do crack em mulheres e a perspectiva de gênero. **Estudios sobre feminismos y género**. n. 15; 2015; p. 41-65; disponível em: <http://dx.doi.org/10.18046/recs.i15.1965>; acesso em 10/04/2022.

MEDEIROS, K.T; MACIEL, S. C; SOUSA, P. F. A mulher no contexto das drogas: representações sociais de usuárias em tratamento. **Paidéia**. v. 17 (online); 2017; disponível em <https://doi.org/10.1590/1982-432727s1201709>; acesso em 10/04/2022.

RODRIGUES, A. S. *et al.* Cuidado a mulheres envolvidas com drogas: representações sociais de enfermeiras. **Rev Bras Enferm** (online); 70(1), p. 65-72. 2017; disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0339>; acesso em 10/04/2022.

SARMIENTO, Y. E.S *et al.* Dependência química e gênero: um olhar sobre as mulheres. **Caderno Espaço Feminino**. v. 31, n. 2 Uberlândia, MG; 2018; p. 149-159; disponível em <http://dx.doi.org/10.14393/CEF-v31n2-2018-8>; acesso em 10/04/2022.

SOUZA, M. R. R; OLIVEIRA, J. F; NASCIMENTO, E. R. A saúde de mulheres e o fenômeno das drogas em revistas brasileiras. **Texto Contexto Enferm**. v. 23(1) Florianópolis, 2014; p. 92-100; disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-07072014000100011>; acesso em 10/04/2022.

1912

Realização:



Apoio:

